

O amor pode estar onde menos se espera

Mais de 100 milhões de livros vendidos

**NICHOLAS
SPARKS**

Xo

Noites de Tormenta



Noites de Tormenta



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.



NICHOLAS SPARKS



Noites de Tormenta



ARQUEIRO

Título original: *Nights in Rodanthe*
Copyright © 2002 por Nicholas Sparks
Copyright da tradução © 2015 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Maria Clara de Biase
preparo de originais: Taís Monteiro
revisão: Cristhiane Ruiz e Victor Almeida
diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial
capa: Raul Fernandes
imagem de capa: Svetlana Sewell/Arcangel Images
adaptação para ebook: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S726n

Sparks, Nicholas
Noites de tormenta [recurso eletrônico] / Nicholas Sparks [tradução de Maria Clara de Biase]; São Paulo: Arqueiro, 2015.
recurso digital

Tradução de: *Nights in rodanthe*
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-466-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Biase, Maria Clara de. I. Título.

15-25804

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Landon, Lexie e Savannah.



Três anos antes, em uma manhã quente de novembro de 1999, Adrienne Willis havia voltado à pousada e achado, à primeira vista, que o lugar estava igual, como se a pequena hospedaria fosse imune ao sol, à areia e à maresia. A varanda tinha acabado de ser pintada e, nos dois andares, uma parte das venezianas pretas brilhantes se destacava entre as cortinas brancas das janelas retangulares, lembrando as teclas de um piano. O revestimento de cedro tinha a cor de neve empoeirada. Nos dois lados da construção, a relva costeira acenava em cumprimento, enquanto a duna mudava de aparência imperceptivelmente a cada dia e a cada grão que se deslocava.

O sol pairando entre as nuvens conferia ao ar um caráter luminescente, como se partículas de luz estivessem suspensas na neblina. Por um momento, Adrienne teve a sensação de que voltara no tempo. No entanto, olhando com mais atenção, pouco a pouco começou a notar as mudanças que a decoração não conseguia esconder: deterioração nos cantos das janelas, linhas de ferrugem ao longo do telhado, manchas de água perto das calhas. A pousada estava em decadência e, embora soubesse que não havia nada a seu alcance para mudar isso, Adrienne fechou os olhos, como se assim o lugar pudesse magicamente voltar a ser o que um dia fora.

Agora, em pé na cozinha de sua própria casa, faltando alguns meses para seu sexagésimo aniversário, Adrienne desligou o telefone depois de falar com a filha. Sentou-se à mesa, refletindo

sobre aquela última visita à pousada e recordando o longo fim de semana que passara lá. Apesar de tudo o que acontecera desde aquela época, ainda se apegava à crença de que o amor era a essência de uma vida plena e maravilhosa.

Lá fora chovia. Ouvindo os pingos baterem suavemente no vidro da janela, ficou grata pela sensação de constância e familiaridade. Lembrar-se daqueles dias sempre lhe produzia uma mistura de emoções – algo parecido com nostalgia, mas não exatamente isso. Com frequência a nostalgia era romantizada, e não havia nenhum motivo para tornar essas lembranças mais românticas do que já eram. E Adrienne também não as partilhava com os outros. Eram dela e, com o passar dos anos, passara a vê-las como uma espécie de exposição de museu da qual era não apenas a curadora, mas também a única espectadora. De um modo estranho, passara a acreditar que aprendera mais naqueles cinco dias do que em toda a sua vida.

Estava sozinha na casa. Seus filhos eram adultos, seu pai morrera em 1996 e ela se divorciara de Jack havia dezessete anos. Embora os filhos às vezes a incentivassem a encontrar alguém com quem passar os anos que lhe restavam, Adrienne não tinha nenhuma vontade de fazer isso. Não que tivesse um pé atrás com os homens; pelo contrário, mesmo agora seus olhos às vezes eram atraídos para homens mais jovens no supermercado. Como alguns deles aparentavam ser apenas alguns anos mais velhos que seus próprios filhos, ela ficava curiosa sobre o que pensariam se a notassem olhando-os. Rejeitariam-na com veemência? Ou lhe retribuiriam o sorriso, achando o interesse dela encantador? Não sabia ao certo. Tampouco sabia se eles seriam capazes de ver além dos cabelos grisalhos e das rugas e enxergar a mulher que Adrienne foi um dia.

Não que lamentasse estar mais velha. É comum as pessoas falarem sem parar sobre as glórias da juventude, mas Adrienne não tinha nenhuma vontade de ser jovem de novo. De voltar à meia-

idade, talvez, mas não à juventude. Era verdade que sentia falta de algumas coisas – subir escadas de dois em dois degraus, carregar várias sacolas de supermercado de uma vez ou ter energia para acompanhar os netos que corriam pelo quintal –, mas trocava tudo isso de bom grado pelas experiências que tivera, e estas só vieram com o avançar da idade. Era o fato de poder olhar para trás e ver que não teria mudado quase nada em sua vida que, atualmente, fazia o sono vir fácil.

Além disso, ser jovem tinha seus problemas. Não só se lembrava deles por experiência própria, como observara seus filhos enfrentando a ansiedade da adolescência e a incerteza e o caos do início da vida adulta. Embora dois deles tivessem mais de 30 anos e o terceiro, quase 30, às vezes ela se perguntava quando a maternidade deixaria de ser um trabalho em tempo integral.

Matt tinha 32 anos, Amanda 31 e Dan acabara de fazer 29. Todos os três fizeram faculdade, e ela se orgulhava disso, porque houve um tempo em que não tinha certeza de que isso fosse possível. Seus filhos eram honestos, gentis e independentes e, de modo geral, era tudo o que desejara para eles. Matt trabalhava como contador, Dan como locutor esportivo do noticiário noturno em Greenville e os dois eram casados e tinham a própria família. Quando a visitavam no Dia de Ação de Graças, ela gostava de ficar sentada observando-os correr atrás dos próprios filhos, sentindo-se estranhamente satisfeita com o modo como tudo acontecera para eles.

As coisas eram um pouco mais complicadas para sua filha.

As crianças tinham 14, 13 e 11 anos quando Jack saíra de casa, e cada qual lidara com o divórcio de um modo diferente. Matt canalizara sua agressividade para os esportes e, por vezes, tivera episódios de mau comportamento na escola, mas Amanda fora a mais afetada. Como filha do meio e única menina, sempre fora a mais sensível e, na adolescência, precisara do pai em casa, ainda que apenas para evitar os olhares preocupados da mãe. Começara

a se vestir com roupas que Adrienne considerava farrapos, a sair com uma turma que ficava na rua até tarde e, nos anos seguintes, jurara estar perdidamente apaixonada por pelo menos uns dez rapazes diferentes. Depois da escola, passava horas no quarto ouvindo música no último volume, ignorando os chamados da mãe para jantar. Houve períodos em que ela mal falava com Adrienne ou os irmãos.

Demorou alguns anos, mas Amanda enfim encontrara seu caminho e passara a ter uma vida estranhamente parecida com a que a mãe um dia tivera. Conheceu Brent na universidade, casou-se com ele depois da formatura e tiveram dois filhos nos primeiros anos de casamento. Como muitos casais jovens, enfrentaram dificuldades financeiras, mas Brent era sensato de um modo que Jack nunca fora. Assim que o primeiro filho deles nasceu, fez um seguro de vida, embora nem ele nem Amanda esperassem precisar disso por muito, muito tempo.

Estavam errados.

Brent se fora havia oito meses, vítima de um tipo muito agressivo de câncer de testículo. Adrienne via a filha mergulhar em uma depressão profunda. Na tarde do dia anterior, ao levar os netos para casa, depois de passar um tempo com eles, encontrara as cortinas fechadas, a luz da varanda ainda acesa e Amanda sentada na sala de estar, de roupão, com a mesma expressão vazia do dia do enterro.

Foi naquele momento, em pé na sala de Amanda, que Adrienne soube que era hora de contar à filha sobre o passado.



Catorze anos. Era o tempo que havia passado.

Em todos aqueles anos, Adrienne só havia contado a uma pessoa o que acontecera: seu pai, que morrera com o segredo.

A mãe de Adrienne havia falecido quando ela ainda tinha 35 anos. Embora as duas tivessem um bom relacionamento, Adrienne sempre fora mais próxima do pai. Ainda achava que ele tinha sido um dos dois homens que realmente a compreendiam, e sentia sua falta agora mais do que nunca. A vida do pai fora igual à de muitos homens de sua geração. Tendo aprendido um ofício em vez de ir à faculdade, ele passara quatro décadas em uma fábrica de móveis com um salário que era só minimamente reajustado a cada ano. Usava um chapéu de feltro mesmo no verão, levava o almoço em uma marmita com dobradiças estridentes e saía de casa às 6h45 em ponto todos os dias para percorrer a pé os 2,5 quilômetros até o trabalho.

À noite, depois do jantar, o pai colocava um cardigã e uma camisa de mangas compridas. Suas calças amarrotadas lhe davam uma aparência desleixada, que se tornara mais evidente com o decorrer dos anos, sobretudo após a morte da esposa. Ele gostava de se sentar na poltrona, com o abajur amarelo aceso ao seu lado, e ler livros de faroeste e sobre a Segunda Guerra Mundial. Nos últimos anos antes de seus derrames, os óculos antiquados, as sobancelhas espessas e o rosto muito enrugado o faziam parecer mais um professor universitário aposentado do que o operário que fora.

Havia uma tranquilidade no pai que Adrienne sempre quisera imitar. Costumava pensar que ele teria sido um bom padre ou pastor, e as pessoas que o viam pela primeira vez geralmente tinham a impressão de que ele estava em paz consigo mesmo e com o mundo. Era um bom ouvinte; com o queixo apoiado na mão, nunca desviava o olhar do rosto das pessoas enquanto elas falavam, sua expressão revelando empatia e paciência, humor e tristeza. Adrienne desejou que o pai estivesse ali agora para

Amanda; ele também perdera um cônjuge e ela achava que a filha ouviria o avô, ainda que só por ele saber quão difícil era aquilo.

Um mês antes, quando Adrienne havia tentado gentilmente falar com Amanda sobre tudo o que estava acontecendo, ela se levantara da mesa balançando a cabeça, irritada.

– Isto não tem nada a ver com você e o papai – dissera. – Vocês dois não conseguiram resolver seus problemas, então se divorciaram. Mas eu amava o Brent. Sempre o amarei, mas o perdi. Você não sabe como é viver com algo assim.

Adrienne não dissera nada, mas quando Amanda saíra da sala, abaixara a cabeça e sussurrara uma única palavra.

Rodanthe.



Ao mesmo tempo que Adrienne se solidarizava com a filha, se preocupava com os netos. Max tinha 6 anos e Greg, 4 e, nos últimos oito meses, ela notara mudanças claras na personalidade deles. Ambos haviam se tornado retraídos e quietos. Nenhum dos dois tinha jogado futebol no outono e, embora estivesse se saindo bem no jardim de infância, Max chorava todas as manhãs antes de ir. Greg voltara a fazer xixi na cama e a ter ataques de raiva à menor provocação. Adrienne sabia que algumas dessas mudanças se deviam à perda do pai, mas também refletiam a pessoa que Amanda se tornara desde a última primavera.

Graças ao seguro de vida, Amanda não precisava trabalhar. Ainda assim, nos primeiros meses após a morte de Brent, Adrienne passara quase todos os dias na casa deles, mantendo as contas em ordem e fazendo comida para as crianças enquanto a filha dormia e chorava em seu quarto. Amparava-a sempre que ela precisava, ouvia-a quando ela queria falar e a forçava a passar uma ou duas

horas ao ar livre todos os dias, acreditando que o ar fresco a faria lembrar que poderia recomeçar.

Adrienne acreditava que a filha estava melhorando. No início do verão, Amanda voltara a sorrir, no início raramente e depois com um pouco mais de frequência. Aventurara-se a ir à cidade algumas vezes e levava as crianças para patinar. Dessa maneira, Adrienne começara a se afastar aos poucos das obrigações que assumira. Sabia que era importante Amanda voltar a ter a responsabilidade por sua própria vida. Adrienne acreditava que havia conforto na rotina; esperava que, diminuindo sua presença na vida da filha, Amanda fosse forçada a perceber isso também.

Mas em agosto, no dia que teria sido seu sétimo aniversário de casamento, Amanda abriu a porta do closet da suíte que dividia com o marido, viu poeira se acumulando nos ombros dos ternos de Brent e subitamente parou de melhorar. “Regrediu” não é o termo exato – ainda havia momentos em que parecia ela mesma –, mas na maior parte do tempo dava a impressão de ter se tornado outra pessoa. Não estava deprimida nem feliz, nem animada nem desanimada, nem interessada nem entediada com qualquer coisa perto dela. Para Adrienne, era como se Amanda tivesse se convencido de que seguir em frente de algum modo embotaria suas lembranças de Brent, e decidira não deixar isso acontecer.

Mas não era justo com as crianças. Elas precisavam de sua orientação e de seu amor; precisavam de sua atenção. Precisavam que lhes dissesse que tudo ficaria bem. Já tinham perdido o pai, o que era bastante difícil. Mas nos últimos tempos Adrienne passara a achar que tinham perdido a mãe também.



À luz fraca da cozinha, Adrienne olhou para seu relógio. A seu pedido, Dan levava Max e Greg ao cinema, para que ela pudesse passar a noite com Amanda. Como Adrienne, seus dois filhos estavam preocupados com os meninos de Amanda. Não só tinham se esforçado mais para estar presentes na vida deles, como quase todas as suas conversas recentes com Adrienne tinham começado ou terminado com a mesma questão:

“O que vamos fazer?”

Hoje, quando Dan repetira a pergunta, Adrienne lhe garantiria que conversaria com a filha. Embora o filho caçula tivesse ficado cético – eles não haviam tentado todo esse tempo? –, ela sabia que esta noite seria diferente.

Adrienne tinha poucas ilusões sobre o que os filhos pensavam dela. Sim, eles a amavam e a respeitavam, mas ela sabia que nunca a conheceram realmente. Aos olhos deles, ela era gentil, mas previsível, doce e estável, uma pessoa amigável que passara a vida com sua visão ingênua do mundo intacta. Ela combinava com esse papel, é claro – veias começavam a surgir no alto de suas mãos, seu corpo perdera um pouco a forma que tinha na juventude e as lentes de seus óculos ficaram mais grossas ao longo dos anos –, mas quando os via com expressões que visavam animá-la, às vezes tinha de conter uma risada.

Sabia que parte do equívoco dos filhos se devia ao desejo de vê-la assim, como uma imagem preestabelecida que achavam aceitável para uma mulher da sua idade. Era mais fácil – e, para dizer a verdade, mais cômodo – pensar na mãe como uma pessoa mais contida do que ousada, mais comportada do que alguém com experiências que os surpreenderiam. E, correspondendo ao seu papel de mãe gentil, previsível e estável, Adrienne não tinha vontade de mudar a opinião deles.

Sabendo que Amanda chegaria a qualquer momento, foi até a geladeira e pôs uma garrafa de vinho sobre a mesa. A casa esfriara desde a tarde, então ligou o termostato a caminho do quarto.

O aposento que antes dividira com Jack agora era só dela e fora redecorado duas vezes depois do divórcio. Foi até a cama de dossel que desejava desde a juventude. Debaxo dela havia uma caixa pequena, e Adrienne a pôs sobre o travesseiro a seu lado.

Dentro da caixa havia a carta que ele deixara na pousada, uma foto dele tirada na clínica e a carta que recebera algumas semanas antes do Natal. Embaixo desses itens havia duas pilhas amarradas, cartas trocadas por eles, e no meio delas uma concha que um dia encontraram na praia.

Adrienne pôs a carta de lado e puxou um envelope de uma das pilhas, lembrando-se de como havia se sentido na primeira vez em que lera seu conteúdo, e depois tirou uma folha de dentro. O papel estava mais fino e frágil, e a tinta havia desbotado ao longo dos anos, mas as palavras ainda eram legíveis.

Querida Adrienne,

Nunca fui bom em escrever cartas, por isso espero que me perdoe se eu não conseguir me fazer entender.

Acredite ou não, cheguei hoje de manhã em um burro e descobri onde vou passar meus dias por algum tempo. Gostaria de poder lhe dizer que é melhor do que eu imaginava, mas com toda a sinceridade, não posso. Na clínica falta tudo – remédios, equipamento e os leitos necessários –, mas falei com o diretor e acho que conseguirei resolver pelo menos parte do problema. Embora eles tenham um gerador de energia, não há nenhum telefone, portanto só poderei ligar para você quando for a Esmeraldas. Fica a alguns dias de viagem, e a próxima remessa de suprimentos só chegará daqui a algumas semanas. Sinto muito por isso, mas acho que ambos suspeitávamos que poderia ser assim.

Ainda não vi Mark. Ele está em uma clínica isolada nas montanhas e só voltará mais tarde, hoje à noite. Depois eu lhe conto como foi, mas a princípio não estou otimista. Como você disse, acho que precisamos nos conhecer melhor antes de tentarmos resolver os problemas entre nós.

Não consigo contar quantos pacientes atendi hoje. Mais de cem, eu acho. Há muito tempo não atendia pessoas assim, com esses tipos de problemas, mas a enfermeira ajudou, mesmo quando eu parecia perdido. Acho que ela ficou grata por eu estar lá.

Penso em você constantemente desde que fui embora, perguntando-me por que a jornada em que estou pareceu me levar até você. Sei que o caminho ainda não terminou e a vida é uma estrada cheia de curvas, mas só posso esperar que de algum modo me leve de volta ao lugar ao qual pertenço.

É assim que encaro a situação agora. Eu pertenço a você. Enquanto dirigia, e depois de novo quando o avião estava no ar, imaginei que ao chegar a Quito a veria na multidão me esperando. Sabia que isso seria impossível, mas por algum motivo tornou um pouco mais fácil deixá-la. Foi quase como se parte de você tivesse vindo comigo.

Quero acreditar que isso é verdade. Melhor, eu sei que é verdade. Antes de nos conhecermos, eu estava tão perdido, e ainda assim você viu algo em mim que de algum modo me deu um rumo de novo. Ambos sabemos o motivo de eu ter ido a Rodanthe, mas não posso parar de pensar que forças maiores estavam em ação. Fui lá para encerrar um capítulo em minha vida, esperando que isso me ajudasse a encontrar meu caminho. Mas acho que você era o que eu estava procurando o tempo todo. E é você que está comigo agora.

Sabemos que terei de ficar aqui por um período. Não sei ao certo quando voltarei, e embora não tenha se passado

muito tempo, percebo que nunca senti tanto a falta de alguém. Parte de mim quer entrar em um avião e ir atrás de você agora, mas se isso for tão real quanto acho que é, tenho certeza de que vamos conseguir. E eu voltarei, eu lhe prometo. No pouco tempo que passamos juntos, tivemos algo com que a maioria das pessoas só pode sonhar e estou contando os dias para vê-la de novo. Nunca se esqueça de quanto eu amo você.

Paul

Quando terminou de ler, Adrienne pôs a carta de lado e pegou a concha que eles haviam encontrado em uma manhã de domingo, tanto tempo antes. Mesmo agora cheirava a maresia, a eternidade; tinha o odor primordial da própria vida. Era média, com formas perfeitas e sem rachaduras, algo quase impossível de achar no mar revolto de Outer Banks após uma tempestade. Um presságio, pensara na época, e se lembrou de tê-la levado à orelha e dito que podia ouvir o oceano. Paul rira e explicara que era o próprio oceano que ela estava escutando. Tinha posto os braços ao seu redor e sussurrado:

– A maré está alta, não percebeu?

Adrienne examinou o conteúdo da caixa, pegou o que achava necessário para sua conversa com Amanda e desejou ter mais tempo para ver o resto. Talvez mais tarde, pensou. Pôs os itens restantes na gaveta de baixo, sabendo que não havia necessidade de Amanda ver aquelas coisas. Com a caixa na mão, levantou-se da cama e alisou a saia.

Sua filha chegaria logo.



Adrienne estava na cozinha quando ouviu a porta da frente se abrir e fechar; um instante depois, Amanda entrava na sala.

– Mãe?

Adrienne pôs a caixa sobre o balcão da cozinha.

– Estou aqui! – gritou.

Quando Amanda empurrou a porta de vaivém e entrou na cozinha, encontrou a mãe sentada à mesa com uma garrafa de vinho fechada na sua frente.

– O que está acontecendo? – perguntou Amanda.

Adrienne sorriu, pensando no quanto a filha era bonita. Com cabelos castanho-claros e olhos cor de avelã em harmonia com as maçãs do rosto altas, ela sempre fora linda. Embora fosse um pouquinho mais baixa do que Adrienne, a postura ereta como a de uma dançarina fazia com que parecesse mais alta. Também era magra, um pouco demais na opinião da mãe, mas ela aprendera a não tecer comentários sobre isso.

– Eu queria falar com você – disse Adrienne.

– Sobre o quê?

Em vez de responder, Adrienne apontou para a mesa.

– Acho que é melhor você se sentar.

Amanda se aproximou da mãe. Sentou-se à mesa, abaixou os olhos, e Adrienne pegou sua mão. Apertou-a, não disse nada e então a soltou com relutância enquanto se virava na direção da janela.

– Mãe? – disse Amanda. – Você está bem?

Adrienne fechou os olhos e fez que sim com a cabeça.

– Estou. Só estava me perguntando por onde começar.

Adrienne se enrijeceu ligeiramente.

– É sobre mim de novo? Porque se for...

Adrienne a interrompeu com um gesto da cabeça.

– Não, é sobre mim – falou. – Vou lhe contar algo que aconteceu há catorze anos.

Amanda inclinou a cabeça para o lado e, no ambiente familiar da pequena cozinha, Adrienne começou sua história.



Rodanthe, 1988

O céu matinal estava cinzento quando Paul Flanner saiu do escritório do advogado. Fechando o zíper do casaco, seguiu por entre a névoa e entrou em seu Toyota Camry alugado, pensando que a vida que tivera nos últimos 25 anos terminara formalmente com sua assinatura do contrato de venda.

Era o início de janeiro de 1988 e ele já havia vendido seus dois carros e sua clínica médica no mês anterior. Agora, nessa última reu- nião com seu advogado, vendera sua casa.

Não sabia como se sentiria em relação a isso, mas, ao girar a chave na ignição, percebeu que só experimentava uma vaga sensação de término. Naquela manhã, percorrera a casa pela última vez, cômodo a cômodo, esperando se lembrar de cenas de sua vida. Pensara que visualizaria a árvore de Natal e se lembraria de quão animado seu filho ficava ao descer pelas escadas e ver os presentes trazidos por Papai Noel. Tentara recordar os cheiros na cozinha no Dia de Ação de Graças ou em tardes chuvosas de domingo quando Martha preparava um ensopado, ou os sons de vozes vindas da sala de estar onde a esposa e ele tinham oferecido dezenas de festas.

Mas enquanto passava de um cômodo a outro, parando por um momento aqui e ali para fechar os olhos, nenhuma lembrança surgiu. Percebeu que a casa não era nada além de uma concha

vazia e se perguntou mais uma vez por que vivera lá por tanto tempo.

Paul saiu do estacionamento, entrou no tráfego e seguiu para a interestadual, evitando o fluxo de carros vindo do subúrbio. Vinte minutos depois, virou na Rodovia 70, de pista dupla, que ia para sudeste na direção da costa da Carolina do Norte. No banco traseiro havia duas mochilas grandes. Suas passagens aéreas e o passaporte estavam na bolsa de couro no banco do carona. Na picape havia um kit médico e vários suprimentos que lhe pediram para levar.

O céu era uma tela mesclada de branco e cinza e o inverno estava completamente instalado. Chovera por uma hora durante a manhã e o vento norte fazia a temperatura parecer mais baixa. A estrada não tinha muito movimento nem estava escorregadia, então Paul pôs o controle de velocidade um pouco acima do limite, deixando os pensamentos voltarem ao que fizera naquela manhã.

Britt Blackerby, seu advogado, tentara dissuadi-lo uma última vez. Eles eram amigos havia anos; seis meses antes, quando Paul falara pela primeira vez sobre tudo o que queria fazer, Britt achara que ele estivesse brincando e dera uma gargalhada.

– Até parece!

Só quando olhara por cima da mesa para o rosto de Paul, percebera que o amigo estava falando sério.

Paul tinha se preparado para aquela reunião, é claro. Esse era um hábito que não conseguia perder. Empurrara sobre a mesa três páginas impecavelmente digitadas informando o que considerava serem preços justos e seu parecer sobre os contratos propostos. Britt olhara para as páginas por um longo momento antes de erguer a vista.

– Isto é por causa de Martha? – perguntara.

– Não – respondeu Paul. – É só algo que eu preciso fazer.

No carro, Paul ligou o aquecimento e pôs a mão na frente da saída, deixando o ar esquentar seus dedos. Olhando pelo espelho

retrovisor, avistou os arranha-céus de Raleigh e se perguntou quando os veria de novo.

Tinha vendido a casa para um jovem casal – o marido era executivo de uma companhia farmacêutica multinacional e a esposa era psicóloga. Os dois foram ver a casa no primeiro dia em que tinha sido anunciada. Voltaram no dia seguinte e, algumas horas depois, fizeram uma oferta. Foi o primeiro e último casal a visitar a casa.

Paul não ficara surpreso. Ele estava presente na segunda visita do casal e os viu passar uma hora examinando todos os detalhes da casa. Apesar das tentativas de disfarçar sua impressão, assim que os conheceu Paul soube que a comprariam. Ele lhe mostrou os detalhes do sistema de segurança e como abrir o portão que separava a propriedade do resto do bairro; deu o nome e o cartão de visita de seu jardineiro paisagista e da empresa de manutenção da piscina, com a qual ainda tinha um contrato. Explicou que o mármore do vestíbulo havia sido importado da Itália e as janelas de vitral foram feitas por um artesão em Gênova. A cozinha tinha sido reformada apenas dois anos antes; a geladeira Sub-Zero e o fogão Viking ainda eram considerados de última geração; cozinhar para vinte ou mais pessoas não seria um problema. Ele os levou à suíte principal e a seu banheiro, depois aos outros quartos, notando que olharam demoradamente para as cornijas esculpidas à mão e as paredes pintadas com esponja. No andar de baixo, apontou para a mobília feita sob encomenda e o candelabro de cristal e os deixou examinar o tapete persa sob a mesa de cerejeira na sala de jantar. Na biblioteca, observou o homem passar os dedos pelo revestimento de madeira de bordo e depois olhar para a luminária Tiffany no canto da escrivaninha.

– E o preço inclui toda a mobília? – perguntou o homem.

Paul fez que sim com a cabeça. Ao sair da biblioteca, pôde ouvir os sussurros animados deles enquanto o seguiam.

Quase uma hora depois, quando estavam em pé à porta, prontos para ir embora, fizeram a pergunta inevitável:

– Por que está vendendo?

Paul olhou para o homem consciente de que havia mais na pergunta do que simples curiosidade. Parecia haver um indício de desgraça no que Paul estava fazendo e ele sabia que o preço era baixo demais mesmo se a casa fosse vendida sem os móveis.

Paul poderia ter dito simplesmente que não precisava mais de uma casa tão grande. Ou que a casa era adequada para alguém mais jovem, que não se importasse com as escadas. Ou que planejava comprar ou construir outra casa e queria uma decoração diferente. Ou que planejava se aposentar e era trabalhoso demais cuidar de tudo aquilo.

Mas nenhum desses motivos era verdadeiro. Em vez de responder, ele fitou o homem direto nos olhos.

– Por que está querendo comprá-la? – perguntou.

Seu tom foi amigável e o homem se voltou por um momento para a esposa. Ela era bonita, uma morena mignon mais ou menos da mesma idade que o marido – cerca de 35 anos. O homem também era bonito, seguro de si, altivo e com um ar de pessoa destinada a ser bem-sucedida. Por um momento, eles não pareceram compreender o que Paul quis dizer.

– É o tipo de casa com que sempre sonhamos – respondeu finalmente a mulher.

Paul assentiu. *Sim lembro-me de sentir isso também. Pelo menos até seis meses atrás*, pensou.

– Então espero que lhes traga felicidade – retrucou.

Um momento depois, o casal se virou para ir embora e Paul os observou a caminho do carro. Acenou-lhes antes de fechar a porta, mas, assim que ficou sozinho, sentiu um nó na garganta. Olhar para o homem, percebeu, o fizera se lembrar de como costumava se sentir ao se olhar no espelho. E, por um motivo que não soube

explicar, Paul subitamente percebeu que estava à beira das lágrimas.



A rodovia passava por Smithfield, Goldsboro e Kinston, cidades pequenas separadas entre si por 50 quilômetros de plantações de algodão e tabaco. Paul crescera nessa região, em uma pequena fazenda nos arredores de Williamston, e os pontos de referência lhe eram familiares. Passou por celeiros de secagem de tabaco e casas de fazenda de aparência instável; viu uma profusão de viscos nos galhos altos de carvalhos à beira da rodovia. Filas longas e estreitas de pinheiros separavam uma propriedade da outra.

Parou para almoçar em New Bern, uma exótica cidade situada na confluência dos rios Neuse e Trent. Entrou em uma delicatessen no bairro histórico, comprou um sanduíche e um café e, apesar do frio, se instalou em um banco perto do Sheraton com vista para a marina. Iates e veleiros estavam atracados em suas vagas, balançando suavemente à brisa. A respiração de Paul formava pequenas nuvens. Depois de terminar o sanduíche, ele tirou a tampa do copo de café. Observando o vapor subir, pensou na mudança de rumo que o tinha levado até lá.

Fora uma longa jornada, refletiu. Sua mãe morrera quando ele era criança e não tinha sido fácil ser o único filho de um pai que ganhava a vida cultivando a terra. Em vez de jogar beisebol com os amigos ou ir pescar, arrancar ervas daninhas e tirar lagartas das folhas de tabaco, doze horas por dia, sob um sol escaldante que lhe deixava as costas com um tom permanente de dourado. Como todas as crianças, às vezes ele se queixava, mas em geral aceitava bem o trabalho. Sabia que o pai era um homem bom e precisava de sua ajuda. Era paciente e gentil, mas, como o avô de Paul, também

não era de falar, a menos que tivesse algo importante para dizer. Quase sempre a pequena casa deles proporcionava o sossego encontrado em uma igreja. Além de perguntas superficiais sobre como Paul estava se saindo na escola ou o que acontecia nas plantações, os jantares eram pontuados apenas pelos sons de talheres batendo nos pratos. Depois de lavar a louça, o pai ia para a sala de estar e examinava relatórios sobre a atividade rural enquanto Paul mergulhava nos livros. Eles não tinham televisão e o rádio raramente era ligado, exceto para ouvirem a previsão do tempo.

Eram pobres e, embora Paul sempre tivesse o que comer e um quarto quente para dormir, às vezes sentia vergonha de suas roupas ou de nunca ter dinheiro suficiente para ir à loja de conveniência comprar um biscoito mais caro ou uma garrafa de refrigerante, como seus amigos. De vez em quando ele ouvia comentários sarcásticos sobre essas coisas. Em vez de responder, Paul se dedicava aos estudos, como se tentasse provar a si mesmo que tudo aquilo não tinha importância. Ano após ano chegava em casa com notas excelentes, só que, embora o pai se orgulhasse de suas conquistas, havia um ar de melancolia nele sempre que olhava para os boletins de Paul, como se soubesse que um dia o filho deixaria a fazenda para nunca mais voltar.

Os hábitos adquiridos nas plantações se estenderam a outras áreas da vida de Paul. Ele não só foi o orador da turma na formatura como também se tornou um ótimo atleta. Quando foi cortado do time de futebol em seus tempos de calouro, o treinador recomendou que ele tentasse corridas de montanhas. Ao perceber que a diferença entre vencedores e perdedores era o esforço e não a genética, Paul começou a acordar às cinco da manhã para fazer dois treinos por dia. Deu certo: entrou na Universidade Duke com uma bolsa integral para atletas e foi o melhor corredor da instituição durante quatro anos, além de brilhar também em sala de aula. Durante todo o curso, relaxou em relação à sua saúde uma vez e quase morreu por

causa disso, mas nunca deixou que acontecesse de novo. Especializou-se em química e biologia e se formou com louvor. Naquele ano também se tornou um dos melhores atletas do país, ficando em terceiro lugar na corrida nacional em montanhas.

Depois da corrida, deu a medalha ao pai e disse que havia feito tudo aquilo por ele.

– Não – respondeu o pai. – Você correu por si mesmo. Só espero que esteja correndo na direção de algo, não para longe de algo.

Naquela noite, deitado na cama, Paul olhou para o teto, tentando descobrir o que o pai queria dizer. Em sua mente, ele estava correndo na direção de alguma coisa, na direção de tudo. De uma vida melhor. Estabilidade financeira. Um modo de ajudar o pai. Respeito. Ausência de preocupações. Felicidade.

No seu último ano na Duke, ficou sabendo em fevereiro que fora aceito na faculdade de medicina de Vanderbilt. Então foi visitar o pai para lhe dar a boa notícia. O pai disse que estava feliz por ele. Porém, naquela noite, muito depois da hora em que o pai já deveria estar dormindo, Paul olhou pela janela e o viu, uma figura solitária perto da cerca, olhando para os campos.

Três semanas depois, ele morreu de um ataque cardíaco enquanto arava a terra em preparação para a primavera.

Paul ficou arrasado com a perda, mas em vez de dar um tempo a si mesmo para o luto, evitou as lembranças mergulhando ainda mais em suas tarefas. Matriculou-se na Universidade Vanderbilt com antecedência, fez o curso de verão, inscreveu-se em três matérias para se adiantar nos estudos e acrescentou aulas extras a uma grade já lotada. Depois disso sua vida passou em um borrão. Ia para a aula, fazia seu trabalho no laboratório e virava as noites estudando. Corria 8 quilômetros por dia e sempre cronometrava suas corridas, tentando melhorar a cada ano que passava. Evitava boates e bares; ignorava os eventos das equipes de atletismo da universidade. Comprou por impulso uma televisão, mas nunca a

tirou da caixa e a vendeu um ano depois. Embora tímido com as garotas, foi apresentado a Martha, uma loira da Geórgia de temperamento tranquilo que trabalhava na biblioteca da faculdade de medicina, e quando demorou a chamá-la para sair ela tomou a iniciativa.

Embora preocupada com o ritmo frenético de Paul, Martha aceitou o pedido de casamento dele. Dez meses depois, eles entraram na igreja. Com a proximidade das provas finais, não houve tempo para a lua de mel, mas Paul prometeu que fariam uma viagem no fim do ano letivo. Nunca fizeram. Mark, o filho deles, nasceu um ano depois, mas Paul nunca trocou uma fralda ou colocou o menino para dormir nos primeiros dois anos da vida do filho.

Em vez disso, postava-se à mesa da cozinha e não parava de estudar, olhando incessantemente para diagramas da fisiologia humana ou estudando equações químicas, fazendo anotações e tirando a nota máxima em uma prova após a outra. Formou-se em três anos como o melhor aluno da turma e se mudou com a família para Baltimore, com o objetivo de fazer residência em cirurgia no hospital Johns Hopkins.

Àquela altura ele sabia que cirurgia era sua vocação. Muitas especialidades exigem bastante interação humana e segurar a mão dos pacientes; Paul não era muito bom em nenhuma das duas coisas. Mas a cirurgia era diferente: os pacientes estavam mais interessados na habilidade do médico do que em sua capacidade de comunicação, e Paul não só tinha a confiança para deixá-los tranquilos antes da cirurgia como era capacitado tecnicamente. Ele floresceu nesse ambiente. Nos últimos dois anos de sua residência, trabalhou noventa horas por semana e dormiu quatro horas por noite, mas, estranhamente, não mostrou nenhum sinal de cansaço.

Depois da residência, fez uma especialização em cirurgia craniofacial e se mudou com a família para Raleigh, onde se tornou sócio de outro cirurgião em uma clínica justamente quando a

população começava a aumentar com bastante rapidez. Sendo os únicos especialistas nesse tipo de cirurgia na área, a clínica deles prosperou. Aos 34 anos, Paul pagara suas dívidas da faculdade de medicina. Aos 36, era associado a todos os grandes hospitais da cidade e realizava a maior parte do seu trabalho no centro médico da Universidade da Carolina do Norte. Lá participou de um estudo clínico sobre neurofibromas com médicos da Mayo Clinic, ONG da área de serviços médicos e pesquisas médico-hospitalares. Um ano depois, teve um artigo sobre lábios leporinos publicado no *New England Journal of Medicine*. Outro artigo sobre hemangiomas se seguiu quatro meses depois e ajudou a redefinir os procedimentos cirúrgicos nessa área para crianças. Sua reputação aumentou e, depois de operar com sucesso a filha do senador Norton, que ficara desfigurada em um acidente de automóvel, Paul foi matéria de capa do *Wall Street Journal*.

Além do trabalho de reconstrução, ele foi um dos primeiros médicos na Carolina do Norte a incluir cirurgia plástica em sua clínica, e fez isso justamente quando a área começava a crescer. Seu trabalho evoluiu muito, sua renda se multiplicou e ele começou a acumular coisas. Comprou um BMW, um Mercedes, depois um Porsche e outro Mercedes. Martha e ele construíram a casa de seus sonhos. Paul comprou títulos e ações de uma dezena de fundos diferentes. Quando percebeu que não podia lidar com a complexidade do mercado, contratou um administrador de investimentos. Depois disso, seu dinheiro começou a duplicar a cada quatro anos. Então, quando tinha mais do que precisava para o resto de sua vida, começou a triplicar.

Ainda assim, Paul trabalhava. Marcava cirurgias não só durante a semana, mas também aos sábados. Passava as tardes de domingo no consultório. Quando estava com 45 anos, o ritmo que mantinha enfim esgotou seu sócio, que se desligou da clínica e foi trabalhar com outro grupo de médicos.

Nos primeiros anos após o nascimento de Mark, Martha frequentemente falava sobre terem outro filho. Com o tempo, parou de tocar no assunto. Embora insistisse para que Paul tirasse férias, ele relutava. Martha acabava indo visitar os pais com Mark, deixando o marido em casa. Ele encontrava tempo para participar de alguns dos acontecimentos mais importantes da vida do filho, aqueles eventos que ocorriam uma ou duas vezes por ano, mas perdia quase todo o resto.

Ele se convenceu de que estava trabalhando por sua família. Ou por Martha, que enfrentara com ele as dificuldades dos primeiros anos. Ou pela memória do pai. Ou pelo futuro de Mark. Mas no fundo sabia que fazia isso por si mesmo.

Se tivesse que dizer qual tinha sido seu maior arrependimento em todos aqueles anos, seria o pouco contato com o filho; contudo, apesar de sua ausência na vida dele, Mark o surpreendera decidindo se tornar médico. Depois que foi aceito na faculdade, Paul espalhou a notícia pelos corredores do hospital, feliz com a ideia de que o filho seria seu colega de profissão. Agora eles teriam mais tempo juntos. Assim, levou Mark para almoçar um dia, na esperança de convencê-lo a se tornar cirurgião. O jovem simplesmente balançou a cabeça.

– Essa é a sua vida – respondeu-lhe. – E uma vida que não me interessa nem um pouco. Para ser sincero, sinto pena de você.

Aquilo doeu e os dois discutiram. Mark fez acusações amargas, Paul ficou furioso e, como resultado, o filho acabou saindo a passos largos do restaurante. Paul se recusou a falar com ele pelas semanas seguintes e Mark não fez nenhuma tentativa de reconciliação. Semanas se transformaram em meses e depois em anos. Embora Mark mantivesse um relacionamento afetuoso com a mãe, evitava ir para casa quando sabia que o pai estava lá.

Paul lidou com a desavença com o filho do único modo que sabia. Sua carga de trabalho continuou a mesma e ele corria seus costumeiros 8 quilômetros por dia; de manhã estudava as páginas

de finanças do jornal. Mas podia ver a tristeza nos olhos de Martha e houve momentos, geralmente tarde da noite, em que se perguntou como fazer as pazes com o filho. Parte dele queria pegar o telefone e ligar, mas nunca encontrava disposição para isso. Soube pela esposa que Mark estava se saindo bem sem ele. Em vez de se especializar em cirurgia, tornou-se médico de família e, depois de vários meses se especializando, deixou o país para trabalhar como voluntário em uma organização humanitária internacional.

Duas semanas depois de Mark ir embora, Martha pediu o divórcio.

Se as palavras do filho um dia o deixaram furioso, as de Martha o deixaram estupefato. Tentou dissuadi-la, mas ela o interrompeu gentilmente:

– Você vai mesmo sentir minha falta? Nós mal nos conhecemos...

– Eu posso mudar – sugeriu Paul.

Martha sorriu.

– Sei que pode. E deveria. Mas deveria fazer isso porque quer, não por mim.

Paul passou as semanas seguintes confuso. Um mês depois, após ter terminado uma cirurgia de rotina, sua paciente de 62 anos Jill Torrelson, de Rodanthe, Carolina do Norte, morreu na sala de recuperação.

Paul sabia que tinha sido aquele terrível acontecimento, na esteira dos outros, que o levara até ali.



Após terminar seu café, Paul voltou para o carro e pegou de novo a rodovia. Quarenta e cinco minutos depois, chegou a Morehead City.

Atravessou a ponte para Beaufort, seguiu pela estrada sinuosa e depois tomou a direção leste rumo a Cedar Point.

Havia uma beleza tranquila nas terras baixas costeiras e ele desacelerou o carro, assimilando aquilo tudo. Sabia que a vida era diferente ali. Enquanto dirigia, ficou maravilhado com as pessoas que o cumprimentavam e com os idosos sentados em um banco do lado de fora de um posto de gasolina que pareciam não ter nada melhor para fazer do que ver os carros passarem.

No meio da tarde, pegou a balsa para Ocracoke, um vilarejo no extremo sul de Outer Banks. Só havia mais quatro carros na balsa e durante as duas horas de viagem ele conversou com os outros passageiros. Passou a noite em um motel em Ocracoke e acordou quando o sol se ergueu acima da água. Tomou café da manhã e passou as horas seguintes caminhando pelo povoado rústico, observando as pessoas prepararem suas casas para a tempestade que se formava ao largo da costa.

Quando finalmente se sentiu pronto, Paul jogou as mochilas no carro e seguiu em direção ao norte.

Outer Banks era um lugar ao mesmo tempo estranho e místico, pensou. Com capim-serra salpicando as dunas arredondadas e árvores dobradas pela eterna brisa, era um local como nenhum outro. As ilhas um dia tinham sido ligadas ao continente, mas depois da última era glacial o mar inundara a área a oeste, formando Pamlico Sound. Até a década de 1950, não havia nenhuma estrada nessa série de ilhas e as pessoas tinham de dirigir pela praia para chegar às casas além das dunas. Mesmo agora isso era parte da cultura e, enquanto dirigia, Paul viu marcas de pneus perto da água.

O céu tinha clareado em alguns pontos. Embora as nuvens corresse furiosamente na direção do horizonte, às vezes o sol espiava por entre elas, emprestando ao mundo um forte brilho branco. Por cima do ronco do motor, podia se ouvir a violência do oceano.

Naquela época do ano, Outer Banks ficava bastante vazia, e Paul tinha aquele trecho de estrada só para ele. Na solidão, voltou a pensar em Martha.

O divórcio havia sido formalizado apenas alguns meses antes, mas fora amigável. Paul sabia que ela estava saindo com outro homem e achava que a vira com ele mesmo antes de se separarem, mas isso não tinha importância. Atualmente, nada parecia importante.

Quando Martha foi embora, Paul reduziu as horas de trabalho, achando que precisaria de tempo para organizar as coisas. Mas meses depois, em vez de voltar à sua vida normal, reduziu-as ainda mais. Continuava a correr com regularidade, mas descobriu que não tinha mais nenhum interesse em ler o caderno de finanças de manhã. Durante a vida toda só precisara de seis horas de sono por noite, mas, estranhamente, quanto mais diminuía o ritmo de sua rotina, de mais horas parecia precisar para se sentir descansado.

Também havia outras mudanças, como as físicas. Pela primeira vez em anos, Paul sentiu os músculos dos ombros relaxarem. As rugas em seu rosto ainda eram proeminentes, mas a intensidade que antes via em seu reflexo no espelho fora substituída por uma espécie de melancolia. E embora devesse ser fruto de sua imaginação, tinha a impressão de que seus cabelos grisalhos enfim tinham parado de cair.

Alguns meses antes, ele achava que tinha tudo. Havia corrido sem parar e atingido o auge do sucesso, mas agora percebia que nunca seguira o conselho de seu pai. Durante toda a sua vida correria *para longe* de alguma coisa, não *na direção* de alguma coisa e, no fundo do seu coração, sabia que tudo fora em vão.

Estava com 54 anos e sozinho no mundo. Olhando para a faixa de asfalto vazia à sua frente, não pôde deixar de se perguntar por que correria tanto.



Sabendo que agora estava perto, Paul se preparou para a última parte da viagem. Ficaria em uma pequena pousada perto da rodovia, cuja diária incluía o café da manhã. Quando chegou aos arredores de Rodanthe, olhou em volta. O centro da cidade, se é que podia ser chamado assim, consistia em várias lojas que pareciam vender quase tudo. O armazém comercializava ferramentas e material de pesca, assim como gêneros alimentícios; o posto de gasolina vendia pneus e peças de automóveis e também oferecia serviço de mecânico.

Ele não precisava pedir nenhuma informação e, um minuto depois, saiu da rodovia para uma curta estrada de cascalho. Avaliou que a pousada em Rodanthe era muito mais charmosa do que imaginava: uma antiga casa vitoriana branca com venezianas pretas e uma acolhedora varanda. Na balaustrada havia vasos com amores-perfeitos desabrochando e uma bandeira dos Estados Unidos tremulava ao vento.

Pegou suas coisas e pendurou as mochilas no ombro. Depois subiu a escada e entrou. O piso era de pinho e se via o desgaste de anos estando sob sapatos com areia. Bem diferente do piso da antiga casa de Paul. À esquerda havia uma aconchegante sala de estar bem iluminada por duas grandes janelas que emolduravam a lareira. Ele sentiu cheiro de café fresco e viu que um pequeno prato de biscoitos fora arrumado para sua chegada. Achou que pegando a direita encontraria o dono, e seguiu aquele caminho.

Embora tivesse visto um pequeno balcão, onde supôs que era a recepção, não havia ninguém atrás dele. No canto, notou as chaves dos quartos; os chaveiros eram miniaturas de faróis. Quando chegou ao balcão, tocou a campainha e esperou que aparecesse alguém para atendê-lo.

Após algum tempo tocou de novo, e dessa vez ouviu o que pareceu um choro abafado vindo de algum lugar nos fundos da casa. Deixou suas coisas no chão, entrou na recepção e empurrou as portas de vaivém que levavam à cozinha. Sobre o balcão havia três sacolas de mercado ainda cheias.

A porta dos fundos estava aberta e ele foi nessa direção. A varanda rangeu quando Paul saiu. À esquerda viu cadeiras de balanço e uma pequena mesa entre elas, e à direita viu a fonte do som.

Ela estava em pé no canto, olhando para o mar. Como Paul, usava uma calça jeans desbotada, mas com um suéter grosso de gola rulê. Seus cabelos castanho-claros estavam presos para trás com algumas mechas soltas esvoaçando ao vento. Ele a viu se virar, assustada com o som das botas dele. Atrás dela, uma dezena de andorinhas seguia a corrente de ar e havia, sobre a balaustrada, uma xícara de café.

Paul desviou o olhar, mas seus olhos foram atraídos para ela de novo. Embora estivesse chorando, dava para ver que era bonita, mas havia algo no modo triste como mudava o peso de um pé para o outro que deu a entender que ela não se dava conta da própria beleza. O que, pensaria sempre ao se lembrar daquele momento, só servia para torná-la ainda mais atraente.



Amanda olhou para a mãe.

Adrienne havia feito uma pausa e seu rosto agora estava voltado para a janela. A chuva havia parado; lá fora, o céu estava cheio de sombras. No silêncio, Amanda ouviu o zumbido constante da geladeira.

- Por que está me contando isso, mãe?
- Porque acho que você precisa saber.
- Mas por quê? Quero dizer, quem era ele?

Em vez de responder, Adrienne pegou a garrafa de vinho e a abriu. Depois de encher uma taça para si, serviu a filha.

- Você pode precisar disso – falou.
- Mãe?

Adrienne deslizou a taça por cima da mesa.

– Lembra quando fui para Rodanthe? Quando Jean perguntou se eu podia tomar conta da pousada?

Amanda demorou um momento para recordar.

- Quer dizer, quando eu estava no ensino médio?
- Isso.

Quando Adrienne recomeçou, Amanda se viu pegando o vinho e se perguntando o que significava tudo aquilo.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Noites de tormenta"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).